



A PRIMEIRA PARTE DO PREFÁCIO DO SALTÉRIO: TEMA, ESTRUTURA E ANÁLISE CONTEXTUAL DO SALMO 1

Geimar de Lima¹

RESUMO: Este artigo propõe uma leitura do Salmo 1 como parte da introdução do Saltério, considerando a hipótese de que o Livro dos Salmos foi organizado segundo um propósito editorial. A partir do diálogo com diferentes perspectivas acadêmicas – que vão desde a negação de um prefácio no Saltério até a defesa da função introdutória dos Salmos 1 e 2 –, o estudo revisita as contribuições de autores como Brevard Childs, Gerald Wilson, Nancy L. deClaissé-Walford, Robert L. Cole, Patrick D. Miller, entre outros. O Salmo 1 é analisado sob perspectivas exegética e linguística, levando em conta variantes textuais do Texto Massorético, da Versão Siríaca e da Septuaginta, o que permite ressaltar sua estrutura e seu tema central. O artigo demonstra que o contraste estabelecido no Salmo 1 não se limita à oposição coletiva entre justos e ímpios, mas enfatiza a figura do indivíduo bem-aventurado em contraposição à comunidade dos ímpios. Essa perspectiva reforça sua função de prefácio, uma vez que orienta a leitura do Saltério como livro de meditação na Torá e, em conjunto com o Salmo 2, como obra de caráter escatológico que apresenta o caminho do bem-aventurado à luz do destino dos ímpios.

PALAVRAS-CHAVE: Salmo 1, introdução do Saltério, Gerald Wilson, bem-aventurado, caminho dos ímpios.

¹ Bacharel em Administração de Empresas pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição (JMC). Mestre em Estudos Bíblico-Hermenêuticos do Antigo Testamento (S.T.M.) pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (CPAJ). Pastor auxiliar na Igreja Presbiteriana da Lapa (SP) e professor na FITRef – Faculdade Internacional de Teologia Reformada e no JMC – Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição. Autor do livro *Vitória pelo Sacrifício* (Cultura Cristã) e coorganizador do livro *Salmos em Contexto* (Cultura Cristã).

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo propor uma leitura do Salmo 1 como parte da introdução do Livro dos Salmos. Desde os estudos de Brevard S. Childs e de seu aluno em Yale, Gerald H. Wilson, grande atenção tem sido dedicada às abordagens canônicas do Saltério. Há estudiosos que defendem que não existe um propósito editorial governando a organização dos 150 Salmos. Entretanto, ao lado de Childs e Wilson, outros pesquisadores, como Nancy L. deClaissé-Walford, David C. Mitchell e Robert L. Cole, sustentam que o Livro dos Salmos apresenta uma estrutura organizada segundo os propósitos de um editor ou de um grupo de editores. As divergências entre os defensores dessa hipótese concentram-se nos principais temas, na estrutura e, inclusive, na definição do propósito organizador subjacente à forma final do Saltério.

Este artigo não se propõe a esgotar a discussão acerca das diferentes interpretações sobre o arranjo dos Salmos. Trabalhos relevantes foram produzidos a esse respeito nas últimas décadas. Seu objetivo é contribuir para o debate, especialmente ao apresentar uma proposta quanto a um dos temas centrais – se não o tema principal – do Livro dos Salmos. Para isso, dedica-se à revisão das principais hipóteses apresentadas pelos autores anteriormente mencionados e à análise exegética do Salmo 1.

O Salmo 1 foi adotado como objeto de estudo porque, assumindo-se que o Livro dos Salmos tenha sido organizado segundo o propósito de um editor final, ele se apresenta, juntamente com o Salmo 2, como o principal candidato a compor a introdução do livro.

1. REVISÃO DE LITERATURA: A INTRODUÇÃO DO SALTÉRIO

Desde os pais da igreja, é afirmado que há uma entrada para o Livro dos Salmos. Segundo Willgren, Gregório de Nissa afirmou que o Salmo 1 é o início da viagem ao longo dos salmos. Jerônimo que este salmo seria a entrada de uma mansão. Teodoro de Ciro aponta para a continuidade entre o final do Salmo 1 e o Salmo 2,² dando continuidade ao início dos salmos. Porém há grande diferença entre a postulação de uma entrada e a definição desta entrada como sendo um prefácio.

A identificação de um prefácio para o Livro dos Salmos é assunto de estudos mais recentes do campo de pesquisa. A intensificação desta busca se dá principalmente após a defesa de Brevard Childs de uma leitura canônica dos livros bíblicos, inclusive dos Salmos. Childs, falando sobre o Salmo 1, que acredita ser o prefácio do Saltério, afirma que ele contribui para a reorientação da interpretação do conjunto de salmos:

² Cf. WILLGREN, David. Why Psalms 1-2 Are Not to Be Considered a Preface to the »Book« of Psalms. p. 396.

A introdução do Saltério testemunha uma nova compreensão teocêntrica dos salmos na continuidade da vida do povo de Deus. A introdução é, portanto, a primeira dica de que o cenário original foi subordinado a uma nova função teológica para as futuras gerações de adoração a Israel.³

Assim, desde Childs, o entendimento da existência de um salmo ou de um conjunto de salmos transcende não apenas o conceito de uma “entrada”, mas propõe que o prefácio poderia influenciar a abordagem ao restante do Saltério, contribuir para a leitura dos Salmos ou pelo menos introduzir seus principais temas.

1.1 NÃO HÁ UM PREFÁCIO NO SALTÉRIO

Brevemente, é necessário destacar que até mesmo estudiosos que defendem a recepção do Saltério como um livro para ser lido ao longo das tradições judaicas e cristãs podem negar a existência de um salmo ou conjunto de salmos que funcionasse deliberadamente como um prefácio. Estes, geralmente, entendem que o Saltério é uma antologia de salmos que não possuem temas ou estrutura unificadas que demandassem um prefácio introdutório. Veja o que diz Willgren:

Tomadas em conjunto, as observações indicam que o consenso bem estabelecido de que Salmo 1 (sozinho ou combinado com Salmo 2) é intencionalmente colocado como um prefácio ao “Livro” dos Salmos não é convincente. Então, eu acredito que o Salmo 1 pode ser lido como um prefácio ao “Livro” dos Salmos? Sim. Pesquisas recentes forneceram vários exemplos de como isso pode ser feito. Eu acredito que originalmente funcionou dessa maneira? Não.

Aqueles que advogam que a existência de um prefácio deriva de uma tradição recebida, mas não como um prefácio originalmente estabelecido como tal, tendem a afirmar que o Salmo 1, comumente identificado como prefácio, falharia nesta função por direcionar a atenção do leitor para fora do corpo textual dos salmos. Mesmo que fosse justaposto a outros salmos, desqualificaria o conjunto ao papel de prefaciar o livro. Whybray apresenta o principal argumento em favor de tal rejeição, pois segundo ele, quando o Salmo 1.2 recomenda a meditação diária e noturna *bētōwrat yēhwâ* (na lei de Yahweh), a recomendação não tem a ver com a leitura dos demais salmos, mas com a meditação constante nos livros da Torá, isto é, escritos por Moisés.⁴ Willgren, apoiado, na mesma análise afirma que, mesmo que o termo *bētōwrat* de 1.2 aponte para um corpus maior do que apenas os escritos mosaicos, ou seja, que incluía os salmos como

³ CHILDS, Brevard S. *Introduction to the Old Testament as Scripture*. Philadelphia: Fortress Press, 1979. p. 514.

⁴ Cf. WHYBRAY, Norman. WHYBRAY, Norman. *Reading Psalms as book*. JSTO Supplement Series. Sheffield Press, 1996. p. 120-121.

sendo Lei de Yahweh, ainda assim isso seria estranho para um prefácio se referir a um escrito que vá além daquele que prefacia.⁵

Porém, tais afirmações podem ser questionadas à luz da própria utilização que o Salmo 1.2 faz em relação ao termo *bētōwrat*. Segundo LeFebvre, a recomendação de meditação na Torá, não faz dos salmos uma nova Torá,⁶ mas os apresenta como meditações cantadas da própria Torá, ou seja, o Salmo 1 mantém a função de prefácio não ao se referir a um corpo de texto específico,⁷ mas ao prescrever o uso que deveria ser feito dos salmos.⁸ Para ele, o Salmo 1 recebeu este lugar no cânon “a fim de apresentar o Saltério canônico como uma coleção de meditações da Torá para sustentar a esperança da aliança dos judeus pós-exílicos da diáspora”.⁹

1.2 O SALMO 1 É O PREFÁCIO DO SALTÉRIO

A função do Salmo 1 como sendo de prefácio ou de introdução ao Saltério tem sido discutida principalmente nas pesquisas mais recentes sobre os salmos, à luz da abordagem canônica dos livros bíblicos. Como precursor desta abordagem, Childs propôs que o Salmo 1 assumiu a significativa função de servir como prefácio para os salmos que são lidos, estudados e meditados.¹⁰ Craigie destaca que dificilmente este salmo foi usado em algum contexto cútico ou litúrgico, mas que seu propósito é fornecer uma introdução para todo o Livro dos Salmos.¹¹ A única possibilidade de uso litúrgico, seria sua associação com o Salmo 2, onde juntos formariam uma liturgia de coração, talvez para um dos últimos reis de Judá,¹² conforme sinalizado por Brownlee. No entanto, como ele afirma, tal junção dos salmos teria apenas o aspecto litúrgico e histórico como pano de fundo, desconsiderando qualquer propósito teológico como orientador da justaposição dos salmos.¹³ A possibilidade deste propósito será analisada abaixo.

Há dúvida se este salmo já existia e foi integrado à coleção completa em sua edição ou se foi composto por aqueles que editaram o Saltério. O que é de

⁵ Cf. WILLGREN, David. Why Psalms 1-2 Are Not to Be Considered a Preface to the »Book« of Psalms. p. 396.

⁶ Apesar de não ser uma nova torá é possível identificar o Livro dos Salmos como sendo referido com o mesmo caráter de lei como a Torá possuía. Jesus, por exemplo, cita o salmo 69.4 como sendo parte da νόμος (lei), conforme registrado em João 15.24-25.

⁷ Para uma posição contrária, veja Miller que afirma que “para o Saltério, a lei é Deuteronômio”. MILLER, Patrick D. Deuteronomy and Psalms: evoking a biblical conversation. In: *JBL*, v. 118, n. 1, 3-18, 1999. p. 11.

⁸ Cf. LEFEBVRE, Michael. ‘On his law he meditates’: What is Psalm 1 introducing? In: *JSOT*, v. 40, n. 4, 2016. p. 449.

⁹ *Ibid.*

¹⁰ Cf. CHILDS, Breavard S. *Introduction to the Old Testament as Scripture*. p. 514.

¹¹ Cf. CRAIGIE, Peter. *Psalms 1-50*. Word Biblical Commentary. Dallas: Word Books, 1984. p. 60.

¹² Cf. BROWNLEE, William H. Psalms 1-2 as a coronation liturgy. In: *Biblica*, v. 52, n. 3, 321-336, 1971. p. 321.

¹³ *Ibid.* p. 334.

consenso entre a maioria dos estudiosos,¹⁴ é que foi composto no período do exílio ou depois dele. Kratje sinaliza que uma das razões para isso é a semelhança entre a comparação do justo de Salmo 1.3 com uma árvore e o uso que Jeremias 17.8 faz da mesma imagem com ensino semelhante.¹⁵ Contudo, como Creach já havia afirmado, dificilmente o salmista teria citado Jeremias, uma vez de seu vocabulário e imagens mais novos do que os utilizados pelo profeta.¹⁶

Wilson é quem faz a defesa mais incisiva do Salmo 1 como prefácio do Saltério a partir da análise de seu texto. Segundo ele, o Salmo 1 deve ser visto como o prefácio pelas seguintes razões: 1) é um salmo sem sobrescrito e sem indicação de autoria o que aponta para um salmo que certamente foi manipulado pelos editores; 2) alguns textos “ocidentais” de Atos 13.33 citam o Salmo 2.7 como sendo trecho do primeiro salmo, o que para Wilson não seria evidência de leitura integrada entre os Salmos 1 e 2, mas que o Salmo 2 seria o primeiro salmo numerado enquanto o Salmo 1, como introdução não levaria um número.¹⁷ Além destas evidências textuais, Wilson declara que o Salmo 1 é atemporal e didático, apresentando o caminho da vida e o caminho da morte.¹⁸ Em sua forma final a composição do Saltério realça que os salmos devem ser mais lidos e meditados como um livro do que performados como hinos.¹⁹ No entanto, enquanto orienta a correta abordagem dos salmos, ele não provê uma chave para a natureza da mensagem que os salmos contêm. O leitor somente passa a conhecer que encontrará no livro a Palavra de Deus.²⁰

Por isso, Wilson defende que a partir do Salmo 2 a coleção mais antiga do Saltério é encontrada, isto é, Salmos 2-89. Para ele, o Salmo 2, não faz parte da introdução do livro dos salmos como um todo, mas somente desta primeira porção que se preocupa com a aliança davídica desde a sua ascensão (Salmo 2) até à sua queda (Salmo 89), como visto nos capítulos anteriores. Escrevendo sobre o papel desempenhado pelo Salmo 2, Wilson fala que o salmo apresenta uma

¹⁴ Brownlee é um dos que discordam de uma data exílica, uma vez que sinaliza que o Salmo 1 foi utilizado em cerimônias de coroação de reis. Cf. BROWNLEE, William H. *Psalms 1-2 as a coronation liturgy*. p. 321. Outro que defende uma data anterior a do exílio é Dahood.

¹⁵ Cf. KARTJE, John F. *Wisdom epistemology in the Psalter: a study of Psalms 1, 73, 90, and 107*. Tesis. The Catholic University of America, 2010. p. 93.

¹⁶ Cf. CREACH, Jerome F. D. Like a tree planted by the temple stream: the portrait of the righteous in Psalm 1:3. In: *The Catholic Biblical Quarterly*, v. 61, 199. p. 61.

¹⁷ WILSON, Gerald H. *The Editing of the Hebrew Psalter*. p. 260.

¹⁸ *Ibid.* p. 261.

¹⁹ *Ibid.* p. 263.

²⁰ *Ibid.*

perspectiva positiva da aliança davídica divinamente instituída, por isso funciona como uma ajustada introdução para a coleção altamente davídica²¹ que o segue.²² Assim, é possível perceber que aqueles que advogam o Salmo 1 como introdução ao Livro dos Salmos, como Wilson, tendem a sinalizar que este Salmo apenas introduz o livro e a forma como ele deve ser adotado.²³ Portanto, a preocupação maior é com o aspecto de meditar neles, ao invés, de cantá-los. Que eles são meditações na Torá, ao invés, de uma nova Torá. E como Lefebvre afirma, em oposição a Wilson, que é necessário tomar cuidado para não impor a ideia de que um salmo introdutório reconfigura a leitura dos outros salmos. Segundo ele, “é melhor buscar uma interpretação do Salmo 1 que explique o Livro dos Salmos que ele apresenta, em vez de adotar a interpretação de certos salmos estrategicamente localizados que impõem mudanças em outros salmos”.²⁴

No entanto, é tendência no avançar dos estudos canônicos do Saltério a identificação de que uma possível introdução do livro influencie a leitura dos salmos que o compõe. Esta tendência tem se mostrado forte principalmente entre aqueles que enxergam que os Salmos 1 e 2 juntos formam o seu prefácio, quer eles tenham sido compostos para serem lidos como uma unidade ou, então, como um par de salmos alocados no começo do livro para juntos fornecerem as lentes pelas quais o restante do livro deve ser lido.

1.3 SALMOS 1 e 2 COMO PREFÁCIO DO SALTÉRIO

Para aqueles que enxergam o Livro dos Salmos como uma unidade literária arranjada a partir de um trabalho editorial, pouca dúvida resta de que o Salmo 1 compõe a introdução do livro. A razão mais óbvia é a sua posição como primeiro salmo. Outras razões foram acima apresentadas. Porém, muito se tem debatido sobre a possibilidade do Salmo 2 em conjunto com o 1 compor a introdução do livro e, assim, juntos orientarem a sua leitura como um todo.

²¹ Esta coleção é formada pelos salmos 3-89 em que os sobrescritos predominantemente atribuem os salmos como sendo de autoria davídica, principalmente no Livro I, onde apenas os salmos 10 e 33 não possuem sobrescrito, mas devem ser lidos de forma integrada com os salmos anteriores, ou seja, formando do salmo 3 a 41 uma coleção exclusiva de escritos davídicos. Neste sentido, é a ausência de sobrescrito no salmo 2 que o postula, na percepção de Wilson, como introdução da coleção 2-89. Cf. WILSON, Gerald H. *The royal psalms at the 'seams' of the Hebrew Psalter*. p. 88.

²² Cf. WILSON, Gerald H. *The royal psalms at the 'seams' of the Hebrew Psalter*. p. 88. Veja também WILSON, Gerald H. *The Editing of the Hebrew Psalter*. p. 265-267.

²³ Há estudiosos que sinalizam que o salmo 1 como introdução reorienta a leitura dos outros salmos, principalmente, quando associado com outros salmos com gênero ou temas semelhantes. Mays, por exemplo, afirma que o salmo 1, dentro da estrutura que forma com outros salmos da Torá, isto é, os salmos 19 e 119, desempenha o papel como pista para o modo como os salmos devem ser vistos e entendidos. Cf. MAYS, James L. *The place of the Torah-Psalms in the Psalter*. In: *Journal of Biblical Literature*, v. 106. n. 1, 1987, p. 12. Para DeClaissé-Walford, uma vez que a Torá é o principal tema do salmo 1, a aderência à sua mensagem (a piedade da torá) será o principal tema de todo o Saltério. Cf. DECLAISSÉ-WALFORD, Nancy. *Introduction to the Psalms: a song from Ancient Israel*. Nashville: Chalice Press, 204. p. 62.

²⁴ Cf. LEFEBVRE, Michael. 'On his law he meditates': What is Psalm 1 introducing? p. 448.

Patrick Miller destaca as três principais razões²⁵ para as conjecturas de uma introdução dupla do Saltério. São elas: 1) a falta de um sobrescrito antes do Salmo 2, o único salmo no Livro I²⁶ do Saltério sem um, com exceção dos Salmos 10 e 33, que estão ligados aos dois salmos anteriores; 2) as cláusulas *'ašrê* no início do Salmo 1 e no final do Salmo 2 formando uma inclusão que unifica as duas composições; 3) as várias conexões linguísticas entre os dois salmos.²⁷ Por isso, Miller afirma que

Quer se deva ou não ver os salmos originalmente como uma única composição – e há razões óbvias para considerá-los como salmos separados e distintos – as conexões entre os dois são inegáveis. Elas indicam, pelo menos no nível da edição, que os Salmos 1 e 2 deveriam ser lidos juntos como uma entrada do Saltério. Pode ter sido que o Salmo 2 foi originalmente o primeiro salmo do Saltério,²⁸ ao qual o Salmo 1 foi mais tarde adicionado como uma introdução ao todo; mas, agora, eles estão muito próximos como um único, embora complexo, caminho para os salmos que se seguem.²⁹

Desde que os Salmos 1 e 2 começaram a serem vistos como a introdução do Saltério, os estudiosos começaram a analisar além das conexões linguísticas e temáticas entre eles, a forma como um influencia na leitura do outro. Há desde aqueles que defendem os dois salmos como sendo apenas um, como aqueles que entendem que sendo dois salmos distintos o Salmo 1 influencia na leitura do Salmo 2 e vice-versa.

Além das conexões linguísticas e temáticas, os que defendem que os Salmos 1 e 2 devem ser lidos juntos se baseiam em duas evidências textuais, uma interna e outra externa. Interno aos dois salmos é a ausência de sobrescritos em ambos, o que indicaria a continuidade de leitura. Externo, a existência de manuscritos de Atos 13.33 que citam o trecho “Tu és meu filho, eu, hoje, te gerei” do Salmo 2.7 como sendo do primeiro salmo.³⁰

Já aqueles que defendem a leitura individual de cada salmo, mesmo atribuindo-lhes o papel conjunto de introdução, não deixam de sinalizar que os salmos foram intencionalmente unidos pelos editores. Waltke, por exemplo,

²⁵ Além das três razões apresentadas por Miller, há temas que são compartilhados entre os dois salmos que serão analisados na próxima seção.

²⁶ Percebe-se na exclusão do salmo 1, que também não possui o sobrescrito, do Livro I feita por Miller a influência profunda de Wilson nos estudos que visam o arranjo editorial do Saltério, uma vez que para Wilson o Livro I também começa no salmo 2.

²⁷ Cf. MILLER, Patrick. *The Beggining of the Psalter*. In: MCCAN JR., Clinton. *The Shape and Shaping of the Psalter*. p. 84.

²⁸ Esta é a posição de Wilson que afirma que o salmo 2 é a introdução da coleção dos salmos 2-89. Cf. WILSON, Gerald H. *Editing of the Hebrew Psalter*. p. 204.

²⁹ Cf. MILLER, Patrick. *The Beggining of the Psalter*. In: MCCAN JR., Clinton. *The Shape and Shaping of the Psalter*. p. 85.

³⁰ τω πρωτω (- 1175) ψαλμω γεγραπται D 1175 gig; (Or). Cf. ALAND, K.; et. Al. (Orgs.). *Nestle-Aland: NTG Apparatus Criticus*. 28. revidierte Auflage, p. 424.

enxerga que a ausência de sobrescrito no Salmo 2 é intencional, como se houvesse uma supressão do mesmo, para justapor o Salmo 2 com o Salmo 1, uma vez que todos os salmos do Livro I são atribuídos a Davi e Atos 4.25 cita um trecho do Salmo 2³¹ como sendo de Davi.³²

A união dos Salmos 1 e 2 como introdução do Saltério levanta a questão sobre qual salmo influencia a leitura do outro e conseqüentemente do livro como um todo. Sendo o Salmo 1, um salmo dito de sabedoria, seriam os motivos sapienciais a “lente” principal para leitura dos salmos ou o fato do Salmo 2, que celebra a entronização davídica, passar pela remoção de seu sobrescrito, como sinalizado por Waltke, o principal influenciador desta leitura canônica, inclusive do Salmo 1?

Desde Wilson, os principais trabalhos tendem a enxergar maior influência do Salmo 1 sobre o restante do Saltério. E esta leitura parece derivar da estrutura proposta por Wilson dos Salmos 2 e 89 como respostas tanto à ascensão como da queda da monárquica davídica. Porém, há aqueles que como Mays enxergam uma estrutura principal do livro dos salmos em torno dos salmos da Torá (1, 19 e 119) e, por conseqüência, o Salmo 1 como governando a leitura do livro. Sobre isso, Mays afirma que

O primeiro Salmo [...] aplica a instrução e a lição [...] à pergunta da sabedoria sobre como a vida deve ser vivida. A Torá do Senhor substitui a sabedoria e seus professores humanos. A responsabilidade que antes era principalmente dos líderes de Israel é colocada diretamente sobre os ombros dos piedosos. Em seu papel introdutório, o Salmo 1 é um sinal da importância do Saltério para essa piedade e a piedade da Torá para o livro dos Salmos. Todas as categorias pelas quais os salmistas se identificam e identificam ao seu círculo - servos, humildes, tementes do Senhor, devotos - devem ser entendidas à luz do primeiro salmo.³³

Todavia, ao destacar a predominância do salmo 1 sobre o restante do livro, Mays não descarta que este próprio salmo tenha sofrido a influência do salmo que junto a ele foi alocado no início do livro:

O Salmo 1 é apenas metade da introdução do livro. É geralmente reconhecido que os Salmos 1 e 2 juntos formam uma unidade literária. [...] A unidade literária resultante reúne os tópicos da Torá e a realeza do Senhor. Uma parte aborda a questão do indivíduo, a outra da história. Um está preocupado com o problema dos ímpios na sociedade, o outro com as nações do mundo. [...] Este intrincado par como introdução diz que todos os salmos que tratam da vida sob o

³¹ “[...] disseste [...] por boca de Davi, nosso pai, teu servo: Por que se enfurecem os gentios, e os povos imaginam coisas fãas? Levantaram-se os reis da terra, e as autoridades ajuntaram-se a uma contra o Senhor e contra o seu ungido”

³² Cf. WALTKE, Bruce K. Ask of me, my Son: exposition of Psalm 2. In: *Crux*, vol. 43, n. 4, p. 2-19, 2007. p. 3.

³³ MAYS, James L. The place of the Torah-Psalms in the Psalter. p. 4.

Senhor devem ser compreendidos e recitados à luz do reino do Senhor e que todos os salmos relacionados com a realeza do Senhor devem ser compreendidos e recitados com a Torá em mente. [...] O Salmo 2, relido como uma visão do objetivo da história, coloca a piedade da Torá do Salmo 1 em um contexto escatológico.³⁴

No entanto, se Mays, mesmo sinalizando a influência maior do Salmo 1, enxerga que ele deve também ser lido da perspectiva escatológica do Salmo 2, Sheppard se afasta completamente da teoria de influência do Salmo 2 sobre o Salmo 1. Ele afirma que os Salmos 1 e 2 foram editorialmente ordenados em um prólogo, mas enfatizando o estudo da Torá como objetivo de se obter sabedoria aos moldes até mesmo dos livros sapienciais da própria Bíblia.³⁵ Segundo ele, a associação do primeiro salmo com o segundo, faz com que o principal arquiteto do Saltério, isto é, Davi, seja identificado completamente com os ideais do Salmo 1.³⁶ E, assim, ele postula que o Saltério inteiro é teologicamente ajustado à Davi para ser um livro-guia para o caminho da justiça e que ganhou entre outras funções o uso como recurso para a reflexão de sabedoria e como modelo de orações baseadas na interpretação piedosa da Torá.³⁷ Desta forma, é como se Davi ou o rei fosse visto como um modelo do padrão de vida apresentado pelo Salmo 1.³⁸

Da outra perspectiva, isto é, da influência do Salmo 2 sobre o Salmo 1, três autores se destacam, principalmente, na identificação dos personagens de ambos os salmos como sendo o mesmo e sinalizando que os seus papéis assumem um caráter escatológico à luz o Salmo 2. Grant enxerga que existe um relacionamento dos Salmos 1 e 2 com a lei de Deuteronômio para que o rei fizesse uma cópia para si da Torá (cf. Deuteronômio 17.14-20).³⁹ Cole, porém, afirma que na redação final do Saltério, os Salmos 1 e 2 não deveriam mais ser lidos como Salmos da Torá e real, respectivamente. Em vez disso, ambos retratam o guerreiro e rei ideal à

³⁴ Ibid.

³⁵ Cf. SHEPPARD, Gerald T. *Wisdom as Hermeneutical Construct: a study in the sapiencializing of the Old Testament*. Berlin: De Gruyter, 1980. p. 140-141.

³⁶ Ibid. p. 142.

³⁷ Ibid.

³⁸ Brueggemann é um autor que inicialmente defendia apenas o salmo 1 como introdução do Saltério, mas que mudou de posição justamente por enxergar o ideal davídico do salmo 2 associado ao salmo 1. Segundo ele, “o salmo 2, como exemplo pertinente, aparece colocado no início do Saltério, ao lado do salmo 1, a fim de estabelecer a hegemonia davídica na imaginação litúrgica de Israel, junto com a obediência à Torá, como o acento teológico fundamental na piedade israelita”. BRUEGGEMANN, Walter. *Teología del Antiguo Testamento: um juicio a Yahvé*. Salamanca: Ediciones Síguem, 2007. p. 525.

³⁹ Grant afirma que “A dupla introdução ao Livro dos Salmos está impregnada de conceitos emprestados da teologia deuteronômica. Mais especificamente, a justaposição de um salmo de Torá com um salmo real nesta introdução parece direcionar o leitor para a Lei Deuteronômica do rei encontrada em Dt 17:14-20. As razões para este paradigma ser colocado no início do Saltério refletem duas das principais preocupações teológicas do período de encerramento do Saltério: 1) a torá, como a regra apropriada para a vida de Israel; 2) a esperança escatológica para a 'renovação' do rei davídico.

semelhança de Josué,⁴⁰ que por meio da autoridade divinamente lhe dada, derrotaria os seus inimigos.⁴¹ Segundo ele, é esta perspectiva escatológica que abre o Saltério e dá o tom para a leitura dos salmos subsequentes.⁴² Por fim, Wheeler, assumindo a mesma perspectiva de salmos estrategicamente alocados, afirma que o Salmo 2, como um salmo real alocado na introdução do Saltério, é fundamental para a associação dos dois salmos iniciais com aqueles que são posicionados nas “costuras” do livro.⁴³ Em suas palavras,

No nível macroestrutural, os dois salmos na introdução do Saltério, Salmo 1 como salmo de sabedoria e Salmo 2 como salmo real, estabelecem uma associação entre esses dois tipos de Salmos que se repetem nas costuras entre os livros e as unidades de dois livros.⁴⁴ Isso finalmente gera a seguinte estrutura no Saltério: a introdução (Salmos 1-2), uma unidade composta pelos Livros I e II (Salmos 3-72) e Livro 3 (Salmos 73-89), uma unidade composta pelos Livros IV e V (Salmos 90-145) e a conclusão (SI 146-150). Esta forma final do Saltério reflete uma antecipação do cumprimento de Yahweh de suas promessas messiânicas e escatológicas incorporadas nos salmos.⁴⁵

Assim, é possível perceber que os Salmos 1 e 2 são a introdução do Saltério. Apesar de existir a possibilidade de que eles sejam lidos em conjunto, afinal fazem parte do mesmo livro que introduzem, este fato não implica na identificação de ambos como sendo um único salmo. Mesmo compartilhando elementos linguísticos e temáticos que serão analisados abaixo, o gênero de ambos os salmos é diferente. O primeiro é eminentemente um salmo de sabedoria enquanto o Salmo 2 é real com aspirações messiânicas. A justaposição deles no início do Livro dos Salmos serve como um reforço para o que tem sido visto como o padrão de pareamento de salmos reais e de sabedoria nas “costuras” do Saltério. Resta, portanto, analisar como os Salmos 1 e 2 se conectam linguística e tematicamente, assim como a relação que possuem nas mesmas esferas com os salmos pareados nas “costuras” do Livro dos Salmos.

2. ANÁLISE EXEGÉTICA DO SALMO 1

Massivamente, o Salmo 1 tem sido estudado na história da Igreja como uma unidade literária isolada das demais. Pregações e artigos costumeiramente o

⁴⁰ Baseado na mesma recomendação dada pelo Senhor a Josué para que ele meditasse na lei do Senhor de dia e de noite (cf. Js. 1.7-9).

⁴¹ Cf. COLE, Robert. An integrated reading of Psalms 1 and 2. In: *Journal for the Study of the Old Testament*, v. 98. 2002. p. 88.

⁴² Ibid.

⁴³ Cf. WHEELER, Michael W. Salmo 2: su importancia como el segundo salmo. In: *Kairós*, n. 53, 2013. p. 58.

⁴⁴ Que seriam as coletâneas que segundo Wilson foram objetos de atividade editorial em períodos diferentes, isto é, salmos 1-89 (coletânea mais antiga) e 90-150 (coletânea mais recente), conforme sinalizadas no capítulo 1 deste relatório.

⁴⁵ WHEELER, Michael W. Salmo 2: su importancia como el segundo salmo. p. 58.

apresentam sem demonstrar suas conexões com o restante dos 150 salmos e, especialmente, ignoram a proximidade que o primeiro salmo tem com o segundo. Por ora, o Salmo 1 será analisado em sua individualidade. Entretanto, ele também deve ser lido à luz dos demais salmos com os quais foi pareado, o que constitui uma segunda parte deste artigo.

2.1 TRADUÇÃO

BHS 5th			Tradução
אֲשֶׁר־יִהְיֶה אִישׁ אֲשֶׁרוֹ לֹא הָלַךְ רְשָׁעִים בְּעֵצָתָ	1	C1	As bem-aventuranças do homem que não anda no caminho dos ímpios;
וּבִתְרוּתָם לֹא עָמַד		C2	na assembleia dos pecadores não permanece
וּבְמִוֹשָׁב לֹצִים לֹא יָשָׁב:		C3	e na habitação dos escarnecedores não habita.
כִּי אִם בְּתוֹרַת יְהוָה חֻפְצוֹ	2	C4	Antes, na lei de Yahweh está o seu prazer
וּבְתוֹרָתוֹ יִהְיֶה יוֹמָם וָלַיְלָה:		C5	e na sua lei medita de dia e de noite.
וְהָיָה כַּעֲצֵץ שָׂתוּל עַל־פְּלִגֵּי מַיִם	3	C6	Ele é como uma árvore plantada sobre as correntes de águas
אֲשֶׁר פְּרִיָּו יִתֵּן בְּעִתּוֹ		C7	que o seu fruto dá no seu tempo
וְעֵלְהוּ לֹא־יִבֹּל		C8	e a sua folhagem não murcha.
כֹּל אֲשֶׁר־יַעֲשֶׂה יִצְלִיחַ:		C9	Tudo o que ele faz fará que suceda bem.
לֹא־כֵן הַרְשָׁעִים	4	C10	Não são assim os ímpios.
כִּי אִם־כַּמֵּץ אֲשֶׁר־תִּפְּנֵנוּ רוּחַ:		C11	Antes, são como a palha dispersada pelo vento sobre a face da terra.
עַל־כֵּן לֹא־יִקְמוּ רְשָׁעִים בַּמִּשְׁפָּט	5	C12	Assim, não se levantarão os ímpios no juízo
וְחַטָּאִים בְּעֵדַת צְדִיקִים:		C13	e os pecadores na assembleia dos justos.
כִּי־יִדְעַע יְהוָה דֶּרֶךְ צְדִיקִים	6	C14	Porque conhece Yahweh o caminho dos justos,
וְדֶרֶךְ רְשָׁעִים תֵּאבֵד:		C15	mas o caminho dos ímpios perecerá.

2.2 OBSERVAÇÕES SOBRE A TRADUÇÃO

As principais observações sobre a tradução acima são:

1. No cólon 1 (C1), foi feita a opção por traduzir a expressão אֲשֶׁר־יִהְיֶה אִישׁ tendo em mente a relação de construto existente entre os dois substantivos.
2. Ainda no C1, em relação com C2, adotou-se a tradução proposta pela versão Síriaca, conforme também sinalizado no aparato crítico da BHS, que inverte os termos וּבִתְרוּתָם e לֹא עָמַד ao traduzi-los.
3. C2 e C13 possuem na Septuaginta (LXX) uma tradução que parte do princípio de que o mesmo termo בְּעֵדַת, traduzido como ἐν βουλή pela LXX, aparece no primeiro e no décimo terceiro cola do salmo. Assim, ao invés de “conselho” (C2) e “congregação/assembleia” (C13), “congregação/assembleia” seria o referencial de ambos os cola.

3. O TEMA DO SALMO 1

O contraste entre a vida dos justos e a vida dos ímpios, costumeiramente, é apresentado como sendo o tema central do Salmo 1. No mínimo, os comentaristas destacam que há um contraste entre a vida ou o caminho de dois

grupos antagônicos.⁴⁶ Certamente, o salmo contrasta duas vidas distintas a julgar pela enfática mudança que ocorre entre os versículos 3 e 4 (C9-10). A metáfora utilizada no versículo 3, uma árvore que dá fruto (1.3), encontra na palha dispersada pelo vento (1.4) sua antagônica.

Entretanto, pouca atenção é dada à diferença de número (singular e plural) existente entre os dois objetos contrastados. Uma análise detalhada do salmo, especialmente, como será vista à frente, ao serem analisadas as conexões do Salmo 1 com o Salmo 2, demonstra que o contraste é entre um indivíduo e um grupo ou coletividade. O versículo 1 diferencia o homem bem-aventurado (*'ašrê-hā'îš*) de um grupo nomeado como ímpios, pecadores e escarnecedores. Em 1.2-3, as ações do bem-aventurado e o simbolismo de sua vida são descritos, também, em termos exclusivamente singulares (cf. *yehge* – “medita” - de 1.2). Enquanto 1.4-6, novamente, retrata os ímpios com termos plurais (cf. *lō'-yāqumû* – “não permanecerão” – de 1.5). Portanto, o Salmo 1, mesmo que seja adotado para inspirar uma coletividade de pessoas à uma vida distinta da vida dos ímpios, em suma, contrasta o bem-aventurado com os ímpios.

No entanto, o contraste proposto no salmo é mais específico do que simplesmente apontar para uma vida que é distinta de outra. Há elementos que são realçados logo no primeiro versículo em que o bem-aventurado, nos mesmos *cola*, é diretamente antagonizado com ímpios, para que depois (1.2-6) certo detalhamento seja dado a cada grupo.

O entendimento do contraste se dá, especialmente, por uma leitura que adota duas variantes textuais presentes no texto: 1) uma advinda da *Versão Siríaca*; 2) a outra, da Septuaginta (LXX).

3.1 UM CONTRASTE ENTRE CAMINHOS: A VERSÃO SIRÍACA

O primeiro versículo do Salmo 1, apesar de não estabelecer a relação de um grupo *versus* o outro, claramente demonstra que não há similaridades morais entre um indivíduo, o homem bem-aventurado, e os ímpios. O primeiro é descrito como não se coadunando com um estilo de vida progressivamente mau, retratado pelo progresso entre ambientes (conselho, caminho e roda) ou ações (anda, permanece, assenta).⁴⁷

Entretanto, a própria estrutura do primeiro versículo parece enfatizar uma das ações não realizadas pelo bem-aventurado. Dos três cólons sinônimos presentes no primeiro versículo (cf. abaixo), apenas o primeiro enfatiza o verbo em detrimento dos objetos, colocando-o na primeira posição da oração:

⁴⁶ Veja, por exemplo, Boice que afirma que o Salmo 1 nos introduz a doutrina dos dois caminhos. BOICE, James Montgomery. *Psalms*. Vol. 1. Grand Rapids: BakerBooks, 1994. p. 15.

⁴⁷ Cf. WALTKE, Bruce K. Preface to the Psalter: Two Ways. In: *Cruix*, Fall 2007, v. 43, n 03, p. 5.

לֹא הֵלֵךְ בְּעֵצַת רְשָׁעִים	C1
וּבְדֹרֵךְ יִשְׁאֵלִים לֹא עָמַד	C2
וּבְמִוֶשֶׁב לְצִדִּים לֹא יָשָׁב:	C3

Neste sentido, a ação enfatizada é a de que o bem-aventurado não anda em um ambiente ou conselho que é dos ímpios. Nos colons C2 e C3, a ênfase recai nos objetos dos verbos.

É diante da diferença presente em C1, que a leitura da Versão Siríaca (veja “Observações sobre a tradução”) em relação ao versículo 1 se mostra importante. Veja o comparativo de sua tradução ladeada com a do Texto Massorético:

	Texto Massorético	Versão Siríaca
C1	Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios	Bem-aventurado o homem que não anda pelo caminho dos maus,
C2	no caminho dos pecadores não permanece	nem se detém no conselho dos pecadores,
C3	e na habitação dos escarnecedores não habita.	nem se assenta na roda dos escarnecedores.

Na *Versão Siríaca*, existe uma inversão entre os termos traduzidos como “conselho” e “caminho”, respectivamente, do Texto Massorético. A leitura desta versão parece ser a preferível uma vez de “caminho” se coadunar de melhor forma com o verbo “andar”. Assim, ao se adotar a leitura da *Siríaca* em relação ao verso 1, considerando-se, também, a segmentação dos seus *cola*, é possível perceber que o salmista atribui certa ênfase ao fato do homem bem-aventurado não andar no caminho dos ímpios, colocando esta informação como verso referencial em relação ao qual os demais funcionam como reforço ou ampliação da informação fornecida pelo primeiro.

A adoção da leitura da *Versão Siríaca* possibilita também que se entenda 1.6b – “o caminho dos ímpios perecerá” – como conclusão lógica do Salmo 1. Apesar de conselho ou assembleia (veja abaixo “Um contraste entre assembleias: a leitura da Septuaginta”) ser repetido no salmo, a menção passa a ser à assembleia/conselho dos justos (cf. 1.5), e não como assembleia/conselho dos ímpios. A ênfase, cujo destino de destruição é apresentado, fica reservada para o caminho dos ímpios uma vez que o bem-aventurado, conforme enfatizado por 1.1, não anda nele.⁴⁸

3.2 UM CONTRASTE ENTRE ASSEMBLEIAS: A SEPTUAGINTA

Outro ponto de atenção que auxilia no entendimento a respeito do contraste que o Salmo 1 estabelece entre o bem-aventurado e os ímpios pode ser

⁴⁸ Allan Harman, por exemplo, identifica a existência de dois caminhos: “Esta primeira chave começa contrastando os dois caminhos nos quais as pessoas podem e devem viver. Esta abertura se propõe a desafiar os leitores a se comprometerem com o Senhor e com sua lei”. HARMAN, Allan. *Salmos*. Comentários do Antigo Testamento. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2011. p. 77.

visto à luz da leitura que a Septuaginta (LXX) apresenta em relação ao versículo 1. A LXX, no versículo 1, apresenta uma tradução que parte do princípio de que o mesmo termo $\pi\lambda\upsilon\lambda\acute{\alpha}$ (na assembleia/congregação), traduzido como $\acute{\epsilon}\nu$ βουλῆ está presente no versículo 1, à semelhança de 1.5, ao invés do termo $\pi\lambda\upsilon\lambda\acute{\alpha}$ (no conselho) com grafia bastante semelhante.

A adoção tanto da leitura da inversão de termos proposta pela *Versão Síriaca*, como desta leitura apresentada pela LXX, proporciona a identificação de que uma vez que o bem-aventurado não permanece na congregação dos ímpios (leitura mesclada de 1.1), estes não poderão permanecer na congregação dos justos (cf. 1.5).

Diante disso, é possível reconhecer que o tema central do salmo, isto é, o contraste entre o bem-aventurado e os ímpios é realçado especialmente pelo comportamento do primeiro de não andar no caminho do último grupo e de não permanecer na congregação em que os ímpios estão. Há ainda a ampliação do comportamento do bem-aventurado para seu ato de não habitar/assentar na habitação/roda dos escarnecedores, um local, possivelmente, contrastado com a seguinte afirmação do Salmo 2: “Ri-se aquele que habita nos céus [...]” (2.4), uma das muitas conexões linguísticas entre os salmos que compõem o prefácio do Livro dos Salmos.

4. CONEXÕES TEMÁTICAS E LINGUÍSTICAS COM O SALMO 2, A SEGUNDA PARTE DA INTRODUÇÃO

A lista de conexões linguísticas e temáticas entre os Salmos 1 e 2 é extensa, razão pela qual tem crescido o número de estudiosos que defendem a leitura integrada de ambos. As seguintes são as principais conexões linguísticas e serão analisadas junto com a análise os principais temas que os salmos compartilham: 1) o termo *'ašrê* (bem-aventurado – 1.2 e 2.12); 2) o termo *derek* (caminho – 1.1; 1.6 e 2.12), sendo que nos últimos versículos associados com o verbo *'ābad* (perecer); 3) o termo *yehge* (ruminar/meditar – 1.2 e 2.1). Além destas, Waltke menciona termos que possuem o mesmo campo semântico, sendo eles: 1) *lēšîm* (escarnecedores – 1.1); 2) *yil'ag* (zomba – 2.4). Waltke afirma que o primeiro termo aponta para aqueles que escarnecem de Yahweh e de sua lei, o segundo para o fato de Yahweh zombar contra aqueles que se rebelam contra o seu governo.⁴⁹

Cole afirma que compreender o significado dos dois primeiros salmos do Saltério é essencial em qualquer tentativa de descrever a mensagem do livro, portanto, a leitura deles deve ser determinante para a interpretação dos salmos subsequentes, uma vez que funcionam como introdução do Livro dos Salmos.⁵⁰ Para isso, é necessária a identificação sobre os principais temas de cada um, bem

⁴⁹ Cf. WALTKE, Bruce K. Ask me, my Son: exposition of Psalm 2. p. 2.

⁵⁰ Cf. COLE, Robert. An integrated reading of Psalms 1 and 2. p. 75.

como a verificação da mensagem compartilhada por meio dos temas que abordam.

O Salmo 1 é visto como um salmo de sabedoria por grande parte dos estudiosos da área. Segundo eles, ele possui a apresentação dos dois caminhos de vida, a fórmula *'ašrê* e a recomendação de uma vida de piedade com base na meditação da Torá como características sapienciais. Por isso, ele aparece nas principais listas de salmos de sabedoria.⁵¹ É comum considerar que o contraste entre os dois modos de vida anunciados pelo salmo possui dimensões apenas plurais, isto é, os justos *versus* os ímpios. Futato, por exemplo, articula a mensagem do salmo como “(1) os piedosos experimentam bem-estar total, mas os ímpios perecem, ou (2) os piedosos prosperam, mas os ímpios não”.⁵² E Longman III afirma que o salmo ensina o caminho dos justos, contrastando a bênção sobre os justos e o castigo para os ímpios.⁵³ Para Longman, como primeira parte da introdução, o foco do Salmo 1 é a obediência à Torá, e ele diferencia aqueles que se deleitam na lei e aqueles que são ímpios. O leitor se identifica com um ou outro grupo, tendo a mensagem sutil de que aqueles que são ímpios não devem ir mais longe no santuário literário dos Salmos.⁵⁴ Esta tendência de contrastar justo e ímpios como grupos é a tendência da maioria dos comentaristas exegéticos e homiléticos. Porém, esta parece ser uma análise precipitada tanto a partir da individualidade apresentada pelo Salmo 1, como visto acima, mas principalmente, quando a sua leitura é pareada com o Salmo 2.

O Salmo 2 tem sua interpretação mais homogênea em relação ao tema principal que apresenta. Desde Gunkel se convencionou sua identificação como um salmo associado a entronização de um rei. Em especial, com o estabelecimento da aliança entre Yahweh e o rei Davi. De acordo com Balentine “este salmo é uma canção de coroa cantada em celebração a entronização do rei [...] messias. [...] no Salmo 2, e em todos os salmos reais em geral, o “ungido” deve ser entendido em termos do rei davídico terreno”.⁵⁵ VanGemeren postula que sendo o assunto deste salmo a unção e coroação de um rei davídico, há a possibilidade de lê-lo à luz da profecia de Natã sobre a aliança de Deus com Davi (cf. 2Samuel 7.5-16), fazendo com que reflita um entendimento profundo da aliança e das promessas que envolvem Davi e os seus filhos.⁵⁶

⁵¹ Cf. MURPHY, R. E. A Consideration of the Classification “Wisdom Psalms”. In: EMERTON, J. A. *Congress Volume Bonn*. Leiden: Brill: 1962, p. 160. Cf. PERDUE, L. G. *The Sword and the Stylus: an introduction to wisdom in the age of empires*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 2008. p. 153;

⁵² Cf. FUTATO, Mark. *The Book of Psalms*. In: FUTATO, Mark. D; SCHWAB, George M. *Cornerstone Biblical Commentary*, v. 7. Carol Stream: Tyndale House, 2009. p. 33.

⁵³ Cf. LONGMAN III, Tremper. *Psalms: an introduction and commentary*. Downers Grove: InterVarsity Press, 2014. p. 58.

⁵⁴ *Ibid.* p.56.

⁵⁵ BALENTINE, Samuel. The royal psalms and the New Testament: from “messiah” to “Messiah”. In: *The Theological Educator*, v. 29, p. 56-62, 1984. p. 58.

⁵⁶ Cf. VANGEMEREN, Willem A. *Psalms*. p. 89.

Ao se analisar ambos os salmos, em conjunto ou individualmente, deve se ter em mente que o objeto principal de cada um é um indivíduo e não a coletividade. O Salmo 1 não começa com os justos, mas sim com aquele que é o homem *'ašrê*, descrevendo-o em mais da metade do salmo (cf. 1.1-3). Só então se fala dos ímpios que são caracterizados como palha (cf. 1.4-6) e, por fim, fala-se dos justos que não são descritos, mas tratados como alvos do favor de Yahweh, diferente dos ímpios que perecem (cf. 1.6). O Salmo 2 segue ênfases semelhantes. Primeiro, descreve os reis da terra e gentios como rebeldes contra Yahweh e seu *mašîaḥ* (cf. 2.1-4), depois se concentra principalmente na entronização do Ungido (2.5-9), para só, então, demonstrar o favor para aqueles que serão considerados *'ašrê* (cf. 2.12), porém, antes, alertando sobre a certeza de perecimento dos ímpios (cf. 2.10-12). Assim, a coletividade dos que são considerados justos ou encontram refúgio no Senhor deve ser considerada à luz da sua relação com o indivíduo principal do Salmo 1 e o do Salmo 2, que possivelmente é o mesmo, isto é, o rei davídico.

Como não há espaço aqui para detalhar, apenas destaca-se que, além das conexões linguísticas outrora mencionadas, a leitura dos salmos em conjunto proporciona a identificação seguintes temas compartilhados por eles: 1) o homem e os homens que são considerados *'ašrê* (1.1; 2.12); 2) a meditação que é proveitosa *versus* a meditação que é vã (1.2; 2.1); 3) o destino do caminho dos ímpios (1.6; 2.11-12); 4) a assembleia dos justos e a assembleia dos ímpios (1.5; 2.1-3); 5) o estabelecimento do rei e do *'ašrê* como referencial para os que buscam viver uma vida justa (1.2; 2.12).

CONCLUSÃO

A análise realizada confirma que o Salmo 1 desempenha um papel introdutório essencial no Saltério, quer seja lido isoladamente, quer em conjunto com o Salmo 2. Seu contraste entre o bem-aventurado e os ímpios, reforçado pelas variantes textuais da Siríaca e da Septuaginta, projeta um padrão hermenêutico que se estende ao restante do livro: a vida piedosa, enraizada na meditação constante da Torá, em oposição ao caminho dos ímpios destinado ao perecimento. Quando lidos juntos, os Salmos 1 e 2 estabelecem uma moldura dupla que articula entre temas sapienciais e reais, históricos e escatológicos, influenciando diretamente a recepção canônica do Saltério. Assim, o prefácio composto por esses dois salmos não apenas introduz os temas fundamentais da coleção, mas também orienta sua leitura como Escritura viva para o povo de Deus.

ABSTRACT: This essay offers a reading of Psalm 1 as part of the introduction to the Psalter, considering the hypothesis that the Book of Psalms was organized according to an editorial purpose. Engaging with different scholarly perspectives – from the denial of a preface in the Psalter to the defense of Psalms 1 and 2 as an intentional introduction – the study revisits the contributions of Brevard Childs, Gerald Wilson, Nancy DeClaisse-Walford, Robert Cole, Patrick Miller, among others. Psalm 1 is analyzed exegetically and linguistically, taking into account textual variants from the Masoretic Text, the Syriac Version, and the Septuagint, which highlight its structure and central theme. The article demonstrates that the contrast in Psalm 1 is not merely between the righteous and the wicked as collective groups, but between the blessed individual and the community of the wicked. This perspective underscores its prefatory role, since it frames the reading of the Psalter as a book of Torah meditation and, in conjunction with Psalm 2, as a work with theological and eschatological dimensions.

KEYWORDS: Psalm 1, Psalter introduction, Gerald Wilson, Blessed One, way of the wicked.